



GUERRA NO LESTE EUROPEU

Presidente dos Estados Unidos considera que a presença do ucraniano na mesa de negociações "não é muito importante", mas diz que, em algum momento, ele e o russo Vladimir Putin terão que "se juntar" para acabar com o conflito

Para Trump, Zelensky atrapalha acordos

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou, ontem, que não considera essencial que o líder ucraniano, Volodymyr Zelensky, esteja presente nas negociações com a Rússia para acabar com a guerra na ex-república soviética. "Não acho que seja muito importante que ele esteja nas reuniões", declarou o republicano à Fox Radio. "Ele está lá há três anos. Ele dificulta muito os acordos", acrescentou.

Mais tarde, durante uma reunião com governadores, na Casa Branca, Trump reforçou as críticas ao ucraniano. "Tive conversas muito boas com (o presidente russo, Vladimir) Putin, e não tão boas com a Ucrânia. Eles não têm nenhuma carta, mas jogam duro. Mas não vamos permitir que isso continue", disse o presidente.

Cada vez mais próximo do presidente russo, com quem deve se encontrar ainda este mês, Trump pressiona Zelensky a aceitar seus termos de negociação para o fim do conflito, que completa três anos na próxima segunda-feira. O porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, reiterou, ontem, que Putin está "aberto" a negociações de paz, mas em bases próprias.

Tive conversas muito boas com (o presidente russo, Vladimir) Putin, e não tão boas com a Ucrânia. Eles não têm nenhuma carta, mas jogam duro. Mas não vamos permitir que isso continue"

Donald Trump,
presidente dos EUA

"Temos nossos objetivos relacionados à nossa segurança nacional e aos nossos interesses nacionais, e estamos prontos para alcançá-los por meio de negociações de paz", afirmou Peskov. Moscou exige que Kiev ceda quatro regiões ucranianas que os russos alegam ter anexado, além da península da Crimeia.

Também exige que Zelensky renuncie à adesão à Otan, o que Kiev rejeita categoricamente. Alinhado à Rússia, Trump e seus colaboradores consideram "pouco

Getty Images via AFP



realista" a adesão da Ucrânia à Otan e sua ambição de recuperar os territórios tomados por Moscou.

Terras raras

Além disso, Zelensky enfrenta crescentes pressões dos Estados Unidos para assinar um

acordo que daria prioridade a Washington para explorar os recursos minerais estratégicos do país. No início do mês, Trump anunciou que queria obter acesso a 50% das terras raras em troca da ajuda fornecida a Kiev durante a guerra.

O líder ucraniano rejeitou a

primeira proposta dos EUA, argumentando que ela não oferecia garantias de segurança a seu país. Desde então, as tensões entre Kiev e Washington aumentaram. Trump chamou Zelensky de "ditador" ao iniciar uma aproximação repentina com o Kremlin, uma reviravolta

perigosa para a Ucrânia, dada a importância dos Estados Unidos como fornecedor de ajuda militar e financeira.

Um alto funcionário do governo de Zelensky, porém, disse, ontem, que Kiev e Washington "continuam" negociando um acordo sobre os recursos minerais ucranianos. "Há uma troca constante de documentos preliminares, enviamos outro na quinta-feira e estamos esperando uma resposta dos EUA", disse a fonte, que pediu anonimato, à agência de notícias France Presse (AFP).

O assessor norte-americano de Segurança Nacional, Mike Waltz, garantiu que Zelensky firmará um acordo em um prazo muito curto. "Isso é bom para a Ucrânia", assinalou. Um dia antes, o presidente da Ucrânia recebeu, em Kiev, o enviado de Trump, Keith Kellogg, num encontro que ambos consideraram positivo.

Ontem, após conversar com o presidente da Polônia, Andrzej Duda, Zelensky escreveu na rede social X: "É importante que os Estados Unidos estejam do nosso lado. Uma paz sólida e duradoura só pode ser alcançada com unidade".

SAÚDE DO PAPA

Francisco não corre risco de morte, dizem médicos

Apesar de apresentar leve melhora em seu quadro clínico, o papa Francisco, internado há oito dias, permanecerá "pelo menos toda a próxima semana" no Hospital Gemelli de Roma para se tratar de uma pneumonia bilateral. "O papa está fora de perigo? Não. É uma infecção importante, com tantos micróbios, em um senhor de 88 anos", observou o médico Sergio Alfieri, durante uma entrevista coletiva. "Mas se nos perguntarem se, neste momento, ele está em perigo de vida, a resposta também é não", acrescentou.

O pontífice argentino, de 88 anos, segundo o corpo clínico, sabe que sua situação é grave e pediu para que não escondam

nenhuma informação. Francisco, disseram os médicos, respira sem a ajuda de aparelhos e faz brincadeiras. Mas, por "por prudência", os médicos decidiram que o melhor é mantê-lo hospitalizado. "Se o enviarmos para Santa Marta (a residência do papa no Vaticano), ele voltará a trabalhar como antes", observou Alfieri.

Como vem fazendo diariamente, o Vaticano informou, ontem, que o chefe da Igreja Católica passou mais uma noite sem incidentes. "Levantou-se cedo e tomou café da manhã." O papa tem recebido seus colaboradores mais próximos, lido, assinado documentos e feito ligações telefônicas, destacou a Santa Sé. Jorge Bergoglio foi internado na

AFP



Padres rezam pela recuperação do pontífice em frente ao hospital

sexta-feira passada devido a um quadro de bronquite. No hospital, exames detectaram uma pneumonia bilateral, uma infecção do tecido pulmonar potencialmente mortal. Mas, nos últimos dias, o Vaticano informou que ele vem se recuperando.

"O estado clínico do Santo Padre melhorou ligeiramente. Ele está sem febre e seus parâmetros hemodinâmicos (circulação sanguínea) seguem estáveis", indicou a Santa Sé em um boletim médico, na noite de quinta-feira. O pontífice, acrescentou o comunicado, recebeu a Eucaristia e se dedicou às suas atividades profissionais.

A internação do chefe da Igreja Católica tem gerado muita especulação sobre seu futuro,

sobretudo após a divulgação de falsas informações nas redes sociais, que noticiavam sua morte em vários idiomas. "Sei que alguns por aí dizem que chegou a minha hora, sempre me trazem má sorte!", comentou Francisco, segundo a imprensa italiana, em conversa com a primeira-ministra Giorgia Meloni, que o visitou nesta semana.

A frágil saúde de Francisco também alimentou especulações sobre sua capacidade de continuar no cargo. "Eu amo imensamente esse papa", declarou o diácono suíço Gege Gerald, na Praça de São Pedro, resumindo os sentimentos de muitos fiéis. "Sei que ele fez muito bem à Igreja, e que fará ainda mais", acrescentou.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Europa em jogo na eleição alemã

É em um momento especialmente crítico que a principal economia da Europa, e um dos polos políticos do continente, vai às urnas amanhã. O cenário captado nas pesquisas é um inventário de incertezas, a começar pela taxa inusualmente elevada de indecisos. A União Democrata Cristã (CDU, na sigla em alemão), de centro-direita, mantém vantagem segura e deve retornar ao governo, após quatro anos. A pergunta é: com quem?

Qualquer resposta, uma vez contados os votos e distribuídas as cadeiras no Bundestag (parlamento), terá de partir do desempenho do segundo colocado. Até as últimas sondagens, e com oscilações ligeiras ao longo da breve campanha, a posição é ocupada pela ultradireitista Alternativa para a Alemanha (AfD), partido anti-imigração com

traços neonazistas.

Salvo mudança de última hora, prevalece na CDU, como nos demais partidos, um veto tácito à formação de um governo em coalizão com a extrema direita. Nesse caso, restará à CDU tentar um acordo com o Partido Social Democrata (SPD), do chanceler (chefe de governo) Olaf Scholz, que teve de convocar eleição antecipada após seu gabinete ficar em minoria, com a saída dos aliados liberais.

A grande incógnita, na noite de domingo, é o desempenho da AfD, tanto mais sob o impacto de atentados recentes cometidos por estrangeiros que aguardavam resposta ao pedido de asilo. A rejeição à imigração foi o propulsor do salto da ultradireita para a condição de segunda força política do país, ao menos pelo que indicam as intenções de voto.

Sinal fechado

A ascensão da AfD torna-se motivo de preocupação para os brasileiros radicados na Alemanha, muitos deles desde longos períodos. No fim de janeiro, faltaram menos de 15 votos, em um total de 693, para o Bundestag aprovar uma lei que impunha condições mais duras para a imigração. O projeto era de autoria do líder da CDU, Friedrich Merz, que caminha para ser o próximo chanceler. E teve o apoio maciço da AfD.

O episódio representou, no jogo político, a aliança inédita de um grande partido com a extrema-direita. Enfrentou rejeição na própria bancada da CDU. No dia a dia, ele se traduz na crescente hostilidade enfrentada pelos estrangeiros, como relatam muitos brasileiros. O

tamanho da bancada que a AfD formará na próxima legislatura dará expressão institucional a esse estado de espírito.

Ucrânia em guarda

No cenário europeu, o desfecho da eleição na Alemanha é crucial para a definição de rumos em um momento crítico da guerra na Ucrânia. O conflito completa três anos nesta segunda-feira sob impacto da reunião mantida na Arábia Saudita por altos funcionários de Estados Unidos e Rússia, fruto do longo telefonema entre os presidentes Donald Trump e Vladimir Putin.

Enquanto as duas potências discutiam condições para um acordo de paz, sem participação ucraniana, os líderes europeus reuniam-se para reafirmar o apoio ao governo de Kiev. E, igualmente, para avaliar os custos de seguir financiando o esforço de guerra do presidente Volodymyr Zelensky sem o aporte

norte-americano, cujo total anda na casa da centena de bilhões de dólares.

Laços de família

O efeito dos custos da guerra na economia em crise é outro dos motores que impulsionam as forças de extrema-direita não apenas na Alemanha, mas em muitos países da União Europeia. São, igualmente, um laço evidente do parentesco entre elas e o trumpismo. Não por acaso, aliás, o bilionário Elon Musk, homem forte na Casa Branca, fez seguidas manifestações públicas de apoio à AfD na eleição de domingo.

Outro ponto de convergência está na determinação de enfraquecer a UE e suas instituições. Em parceria com seus aliados no Velho Mundo, Trump atua sem muitas reservas para redesenhar a relação transatlântica no rumo de um predomínio mais claro dos EUA, como no período imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial.